



## HONESTINO GUIMARÃES: A FORÇA QUE VEM DA JUVENTUDE

Arcangelo Scolaro - arcangeloscolaro@hotmail.com  
Universidade Estadual de Goiás

### Introdução

A grande maioria dos estudantes de Itaberaí desconhece a história de luta de Honestino contra a ditadura militar e hoje uma parte da sociedade, inclusive jovens estudantes acreditam na intervenção militar como solução para o país. A sua militância em movimento estudantil também é praticamente desconhecida, embora em Itaberaí exista uma escola de ensino médio que leva o seu nome. Sua trajetória de militância foi até movimento nacional como é a UNE (União Nacional dos Estudantes).

Um dos objetivos da educação em geral no Brasil e na Universidade Estadual de Goiás é a valorização da cultura popular local. Fazer memória é resgatar valores presentes na realidade local e, ao mesmo tempo trazer presente aspectos da história que não podem ser repetidos, o resgate histórico da trajetória de Honestino, desde sua infância, nesta cidade, até a sua vida na clandestinidade, significa uma contribuição social interessante por parte da Universidade Estadual de Goiás.

Honestino foi um jovem que não se deixou instrumentalizar pelo sistema e construiu, com suas devidas limitações e, questionamentos que possam ser feitos, uma autonomia de pensamento, não se rendendo às tentações da fama, do poder e do consumismo.

Desde muito jovem se revelou com grande capacidade de liderança, isso poderia tê-lo feito pensar apenas em seu projeto pessoal, antes pelo contrário se dedicou muito em vista do coletivo. É essa obstinação pelo bem do coletivo que nos interessa investigar e divulgar para a sociedade itaberina, de modo especial no meio estudantil do ensino médio e da Universidade Estadual de Goiás. O resgate histórico da vida e militância de Honestino poderá servir para um incentivo de uma melhor organização estudantil.

Honestino nasceu numa família bem estrutura e que tinha uma boa relação com a família maior (avós, tios, primos) isso, com certeza, influenciou muito na sua formação do caráter, formação psicológica e formação política. Conforme depoimento de Caramuru<sup>1</sup>, a

---

<sup>1</sup> Artista plástico itaberino, famoso por suas pinturas com areia – aprendeu suas primeiras lições de pintura com o pai de Honestino, foi muito apoiado pela família – conviveu muito. Caramuru tem hoje quadros por



família de Honestino era considerada diferente em Itaberaí, e em sentido positivo as personalidades de Monteiro e de Maria Rosa (seus pais) eram diferentes das do povo daquela época, “eram muito rígidos com os meninos, muito exigentes, não queriam que errassem, que mentissem. Se necessário apelavam para o castigo” (MONTEIRO, 1998, p. 49).

Itaberaí, na época, se caracterizava por sua situação de pobreza e isso se refletia para a questão do esclarecimento, e entendimento da realidade histórica, social e política. Isso não valia para a família de Honestino, essa família estava entre um pequeno grupo de itaberinos que possuía um esclarecimento invejável. Isso se deve ao fato de que sua mãe era professora (normalista) e seu pai inspetor escolar, poeta, pintor e comerciante. Segundo os relatos da mãe, seu pai possuía um espírito nobre, se dedicava muito ao filho, e à leitura. Com certeza, pelos relatos, podemos dizer que o filho foi muito amado, querido pelos pais e por seus familiares e pelas crianças dos vizinhos, além disso era muito dedicado à leitura de jornais, revistas e livros que tinha acesso. O pai “partilhava de sua vida, de seis brinquedos, deitava e rolava [...] e assim foi crescendo e crescendo os folguedos. Seu pai o levava para o banho no Rio das Pedras, um dos divertimentos na cidade natal” (MONTEIRO, 1998, p. 16).

Desde sua tenra idade se mostrou muito inteligente e assim logo foi entrando no mundo das letras: “Falou rápido, aprendendo a pronunciar as palavras por inteiro, usando vocabulário correto” (MONTEIRO, 1998, p. 16). Acrescenta ainda sua mãe: “Sua capacidade intelectual manifestou-se já na primeira série primária, quando foi alfabetizado com dois meses de escolaridade” (MONTEIRO, 1998, p. 24). Foi se formando como um bom leitor lia muito desde pequeno, mãe normalista, a família era um contraste para época, poeta pai e filho, pai artista plástico. Segundo depoimento do próprio Caramuru foi iniciado nas artes plásticas por ele. “Eu acompanhado dos meninos, ajudei Monteiro a pintar as paredes do quarto deles: os Sete Anões, Mickey, Pato Donald... Ajudei Monteiro no cinema, fazia cartazes, era sempre incentivado a pintar” (MONTERIO, 1998, p. 49)

---

todo Brasil e em 22 países. Já participou de exposições em Itaberaí, Goiânia, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, etc. Expôs várias vezes na Fundação Jaime Câmara e Dona Célia Câmara o prestigiou muito. Caramuru foi o grande embaixador de Itaberaí e de Goiás, o mais importante itaberino nas artes, nesses duzentos e poucos anos de Itaberaí, Caramuru não morreu, seu feito, suas obras de arte estão aí imortalizadas.



Enfim Honestino se casou com Isaura e com ela teve uma filha que se chama Juliana, mas esse relacionamento não teve muito futuro, quando Juliana completou um ano de vida os dois se separaram, e pelos relatos da própria Isaura dois fatores influenciaram e comprometeram muito o relacionamento: a imaturidade dos dois que eram ainda muito jovens, ela ainda praticamente adolescente e a questão da opção política. Esse problema da questão da opção política é um problema que atingiu a muitos militantes comprometendo os seus relacionamentos afetivos. Esse aspecto mereceria um estudo mais aprofundado. Assim Isaura relata um pouco desse relacionamento:

Foi realmente um sentimento muito forte, e qualquer lance político que assumi foi pelo lado afetivo prioritariamente. Foi uma coisa muito enriquecedora em minha vida. Conviver com o Gui foi uma coisa muito complementadora para mim. Obviamente esta experiência tende a outros dados importantes, que extrapolavam nossa vida, dois jovens saídos da adolescência, eu ainda que dentro dela. Foi esta situação que a gente viveu e que é uma experiência que poucos casais jovens conhecem. A gente sofreu mais tarde a consequência da inexperiência. Ter que acertar estas duas coisas: vida a dois e vida política, que foi o dado determinante nesta relação (MONTEIRO, 1998, p. 37).

Isaura coloca aqui o problema como sendo a inexperiência o fator decisivo para o fim de uma relação, com certeza esse é um dos dados que deve ser levado em consideração, porém essa questão da vida familiar, a relação matrimonial não foi um problema apenas para os mais jovens militantes políticos ou mesmo de igreja que se comprometeram com a transformação social. Na militância política, mesma na militância de Igreja da época aconteceram separação de casais já bastante maduros, casais com muitos anos de relacionamento que também não souberam conciliar a vida familiar com a de militante de uma causa (CAPPONI, 1998).

É lógico que aquela geração, uma geração que tinha uma ideologia na cabeça, que sonhava com a construção de uma nova sociedade, e com um mundo melhor que estava já se aproximando, era uma experiência muito forte, e talvez única na história brasileira. Essa experiência levou muitos ao sacrifício, não só ao sacrifício extremo como foi o de Honestino: prisão, tortura e desaparecimento. Mas sacrifício como o da separação familiar, incompreensões, falta de orientação para que não se perdessem valores em nome de outros considerados ainda maiores e que por isso a opção haveria de ser radical.



### Contexto Histórico e Educação

A América Latina nos anos 1960 e 1970 foram palco uma generalizada situação de anormalidade com as ditaduras militares e consequente repressão aos inconformados e militantes de oposição. Por outro lado, foi palco também de muitas lutas e conquistas populares, várias foram as experiências e algumas bem sucedidas na área da educação. Essas conquistas se devem a movimentos sociais com a participação de pessoas com um ideal assim como Honestino. No Brasil, a pesada herança da ditadura militar no campo educacional legou ao país, milhões de analfabetos.

O combate ao analfabetismo foi duramente combatido pela recém instaurada ditadura militar, para os novos mandatários do poder, alfabetização não deveria ter relação com apolítica e muito menos quando coordenada por grupos e políticos de esquerda. Uma ameaça profundamente séria, que colocava em xeque o status quo e que, portanto, não poderia sobreviver à nova ordem. Numa época em que o debate político estava suspenso para as classes populares, um método de alfabetização baseado justamente na discussão política, não se encaixava no modelo educacional preconizado pelo regime militar (TEIXEIRA, 2008, p. 1).

A educação tem sido ao longo da história instrumentalizada a serviço da classe dominante, ou conforme Bourdieu (1998, p. 295-297) a classe dominante utiliza a educação como reprodutora da cultura dominante. Não se propõe com uma educação que valoriza a cultura popular que haja uma imposição desta sobre a cultura que hoje é dominante, porém, que ambas sejam valorizadas de igual forma. Honestino e demais militantes estudantis da época tinham essa realidade em mente e lutavam por outro modelo e qualidade de educação. Enguita descrevendo a questão da qualidade da educação afirma que:

A ideia da busca da excelência parte explícita ou implicitamente, da aceitação da imagem de uma sociedade dual. Para a maioria, para os que ocuparão os postos de baixa qualificação, sem espaço para a iniciativa nem capacidade de decisão, qualquer educação serve. Para a minoria, para os que se sobressaem, para os que tomam as decisões pelos demais deve haver uma educação também 'excelente'. Teoricamente há primeiro que encontrá-los, mas em realidade, se encontram sozinhos, pois já denominaram a si mesmos ou seus pais o fizeram por eles (ENGUITA apud GENTILI, 2001, p. 159).

O mundo conservador impõe o seu critério de qualidade, entretanto a reação vem acontecendo, embora de forma lenta, desde os tempos da ditadura militar, foi nascendo no meio dos excluídos um novo modo de se pensar a educação e assim pensar sua identidade que dá sustento para toda a luta pela conquista da cidadania



### Construção da Cidadania

Para Carlos Rodrigues Brandão a cidadania é uma das metas da educação e ela é uma educação política:

Uma educação de vocação cidadã é uma educação política. É uma educação destinada a formar pessoas capazes de viverem a busca da realização plena de seus direitos humanos no mesmo processo de consciência crítica e de prática reflexiva com que se sentem convocados ao dever cidadão de participarem de maneira ativa da construção dos mundos de sociedade e cultura de suas vidas cotidianas (BRANDÃO, 2002, p. 95).

A busca pelo ser humano emancipado é uma busca já antiga por parte de muitos intelectuais ligados à educação e de modo especial à sociologia. Conforme Freire (1978) a educação necessariamente deverá ser emancipadora se quisermos a transformação da sociedade elitista e exploradora vigente pois caso contrário o oprimido se transformará em novo opressor.

Conforme Frigotto (1995) durante o período que mais nos interessa nessa pesquisa, a ditadura militar de 1964, aconteceu a introdução de um caráter mercantilista da educação, que foi trazido dos Estados Unidos, e a transformou em negócio, substituindo o direito. A lógica é a lógica normal do sistema capitalista lógica capitalista previa a privatização. A reforma universitária, da época da ditadura promoveu a “departamentalização”, apontada como estratégia para fragmentar o conhecimento.

E, também, a forma autoritária como eram impostos os diretores, selecionados não pelo desempenho acadêmico, mas pelo perfil gerencial. Segundo ele: A reforma universitária visava reformar para desmobilizar. Para educadores, setor público até hoje sofre os efeitos da política praticada durante os anos de Regime Militar na área educacional. A resistência nos níveis de analfabetismo é apontada, ainda, como consequência do período.

### Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Escrito de Educação*. (Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (Orgs). Petrópolis: Vozes: 1998.
- BRANDÃO, Carlos R. (Org.) **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRANDÃO, Carlos R. (Org.) **Educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CAPPONI, Francesco. **Tempo de graça**. Manuscrito. Itaberaí, 1999.



## I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

ENGUITA, M. Fernandez. **Trabalho, escola e ideologia:** Marx e a crítica da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 36<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real.** 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GENTILI, Pablo. **Adeus à escola pública:** A desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das majorias. In. Gentili. P. (org) *Pedagogia da Exclusão. Crítica ao neoliberalismo em educação.* 10<sup>a</sup> ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

GENTILI, Pablo; SILVA, Tomas Tadeu da (Orgs.) **Neoliberalismo, qualidade total e educação.** 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LIRA, Alexandre Tavares do Nascimento. **As bases da reforma universitária da ditadura militar no Brasil.** 2012. Disponível em:

MONTEIRO, Maria Rosa. **Honestino:** o bom da amizade é a não cobrança. Brasília: Da Anta Casa Editora, 1998.

TEIXEIRA, Wagner da Silva. **Quando ensinar a ler virou subversão:** a ditadura e o combate ao combate do analfabetismo. 2008.